



@gente

revista digital de psicanálise

02



*Escola Brasileira de
Psicanálise - Seção Bahia*

@gente

revista digital de psicanálise • 02 • set 2007

COMISSÃO EDITORIAL

:: DIRETORA DE PULICAÇÃO
Tânia Abreu

:: COMISSÃO DE PUBLICAÇÃO
Lêda Guimarães (COORDENADORA)
Ana Stela Sande
Marta Ines Restrepo
Jane Marcia Lemos Luz (REVISORA)

PROGRAMAÇÃO VISUAL
E EDITORAÇÃO
Adriano Oliveira

Editorial • LÊDA GUIMARÃES.....	3
Como são criadas as crianças hoje? • ERIC LAURENT.....	4
Declínio do amor na clínica com crianças • MÔNICA HAGE	8

Editorial

LÊDA GUIMARÃES

O debate sobre a educação de crianças e adolescentes se expande nos campos da psicologia, pedagogia, psicopedagogia e saberes afins, e até mesmo no campo do direito jurídico diante da recorrência da violência juvenil. Estes campos de saber fornecem como ordenadores uma gama de receituários incipientes para aqueles que buscam sustentar a função de educador ideal, os quais só encontram a angústia, ou a culpabilidade, como resposta à inibição de sustentar seu próprio ato na responsabilidade efetiva enquanto educador.

Diante desta questão tão crucial da atualidade, o @GENTE DIGITAL apresenta nesta edição uma entrevista realizada com Eric Laurent, delegado-geral da Associação Mundial de Psicanálise, uma das maiores referências na clínica com crianças na psicanálise de orientação lacaniana. Um outro texto aqui se insere, produzido pelo Núcleo de Investigação de Psicanálise e Criança do Instituto da Escola Brasileira de Psicanálise – Bahia.

Como são criadas as crianças hoje? *

ERIC LAURENT (ENTREVISTA)

Eric Laurent é membro fundador da École de la Cause Freudienne. Atualmente ocupa a função de delegado-geral da Associação Mundial de Psicanálise para o biênio 2006-2008. Sua bibliografia oferece contribuição relevante às abordagens propostas pela psicanálise de orientação lacaniana, sendo um dos analistas mais reconhecidos no movimento psicanalítico mundial hoje. Defende a posição do analista-cidadão, que elabora o que diz de maneira tal que possa incidir na civilização.

Nesta entrevista, ele nos fala das dificuldades encontradas na criação das crianças nos dias atuais, quando podemos perceber uma falha na função paterna, o que acarreta

mudanças na estrutura familiar e na relação com as instituições.

Laurent afirma que pensar a figura do pai hoje é um assunto crucial. E que, inclusive quando o pai falta, o que hoje não falta é um discurso acerca do que, para a civilização, é um pai, ainda que esteja ausente. Além disso, a mãe, por sua vez, teve um pai. Lacan tratou de separar o pai do Nome do Pai, quer dizer, desta função paradoxal proibição-autorização, que pode funcionar ou não mais além das pessoas presentes.

ENTREVISTADOR: *O senhor disse que ali onde não há mais família, ela subsiste apesar de tudo. O que subsiste?*

ERIC LAURENT: A partir de um momento que se pode pensar como o fim de uma certa forma tradicional de família, e desde a igualdade dos direitos, seja entre homens e mulheres, entre

filhos e pais ou entre as gerações, deslocou-se a maneira como se articulava a autoridade. Além disso, com a separação entre ato sexual e procriação, e com a procriação assistida, vemos uma pluralização de formas de vínculos que permitem articular pais e filhos fora da forma tradicional. Uma das discussões entre os países hoje é o que se pode chamar família em torno de uma criança. Isto se pode fazer tanto com famílias monoparentais como quando há duas pessoas do mesmo sexo ou várias pessoas que se ocupam dela. É o que fica do que era a oposição, em um dado momento, entre um modelo de família tradicional ou nada, nada que se pudesse chamar família segundo a definição do código civil napoleônico, num ponto de vista leigo: uma certa forma que permitia transmitir os bens e articular os direitos, mas fora disso não havia nem bens nem direitos. Agora há pluralização completa e se continua falando de

*. Entrevista por Verônica Rubens, publicada na revista do jornal *La Nación*, Argentina, 3 de junho de 2007. Tradução: Maria Cristina Maia Fernandes. Revisão: Comissão Editorial.

família porque é uma instituição que permite bens e direitos e a articulação entre gerações. Então, é o que fica; nesse sentido, creio que há uma conversação através de nossa civilização, uma questão que dá margem a muitas respostas, que alguns aceitam, outros rejeitam e outros querem manter uma forma definida, como um ideal determinado.

E: *Atualmente, os novos papéis das mulheres no mercado de trabalho e as inovações produzidas pela ciência levam a cenários impensáveis há alguns anos quanto aos modos de reprodução. O que tem a psicanálise para dizer diante disso?*

EL: Em todas estas variações ou criações diversas, discursos distintos vão entrar em conflito sobre o que são o pai ou a mãe nesta ocasião. Mas, o que vemos é que ninguém quer ter filhos sem pais. É muito significativo, porém, as disputas jurídicas das comunidades de gays e lésbicas para serem reconhecidos como pais e mães de filhos, são para poderem utilizar os nomes da família. A criança é confrontada com o fato de que fora da família circulam outros discursos. Como orientar-se, então, quando, por exemplo, a criança é concebida por fertilização assistida com doador anônimo? Os meninos na escola lhe dizem: “Onde está seu pai?” E a criança responde: “Eu não tenho pai”. Como não vai ter um pai? Isso é impossível...

O curioso é que parece uma epidemia o fato de que há mais e mais crianças que não podem renunciar a este gozo do corpo a corpo, das brigas, da agressão física, sem falar da violência desproporcional, característica das gangues de adolescentes.

E, então, como vai responder, sustentar-se com isso? Como vai inventar uma solução, um discurso possível? A psicanálise pode, precisamente, ajudar a que, nestas circunstâncias, a criança e a mãe possam orientar-se em um espaço no qual seja possível usar os termos pai-mãe de uma maneira compatível com o discurso comum.

E: *O senhor disse que nos momentos de grandes mudanças, as crianças são as primeiras vítimas, são os primeiros a sofrer o impacto destas mudanças. Quais são as questões em jogo para as crianças que estão crescendo?*

EL: Múltiplas. As formas de patologia do laço social com as crianças e entre as crianças se vêem através das queixas dos que delas se

encarregam, especialmente dos pedagogos, com o papel essencial que agora desempenha a escola na civilização. Não faz muito tempo que a escola tem este papel tão importante para a criação das crianças. Antes, a articulação com a religião, a moral, o Estado, o exército tinha um peso, havia uma variedade de instituições. Cada vez mais se reduz o peso destas para centrar-se na grande instituição escolar, que recolhe as crianças e trata de ordená-las a partir do saber. Uma dificuldade para as crianças de hoje (e vemos isso na enorme quantidade de crianças diagnosticadas com déficit de atenção ou hiperatividade) é a de poder ficar sentadas cinco horas em uma escola, o que não acontecia em outras civilizações. O curioso é que parece uma epidemia o fato de que há mais e mais crianças que não podem renunciar a este gozo do corpo a corpo, das brigas, da agressão física, sem falar da violência desproporcional, característica das gangues de adolescentes. Todo este sofrimento funda a idéia de uma patologia da infância e da adolescência. Diz-se que as crianças não suportam as proibições, não toleram as regras.

E: *Poderia esclarecer um pouco mais o que acontece agora nas escolas?*

EL: Ao se pôr a educação universal e dizer que todas as crianças têm direitos iguais, ao

colocá-las todas no mesmo dispositivo, há patologias que entram neste dispositivo escolar que não estavam antes. Por outro lado, com a precariedade do mundo do trabalho, cada vez mais crianças são abandonadas pela pressão que existe. Antes tinham mães para ocupar-se delas. Agora quem se ocupa delas é a televisão. A tv é como uma medicação, é como dar um

Alguns escritores explicitamente pensaram em elaborar com sua obra uma maneira de proteger a criança da tentação do niilismo e orientá-la na cultura e nas dificuldades da civilização, apresentar figuras nas quais o desejo pudesse articular-se em um relato.

hipnótico: faz dormir... É uma medicação que tanto as crianças quanto os adultos utilizam para ficar tranqüilos diante das bobagens da tela. Mas a televisão em comum para toda a família não é a oração comum da tradição, aquela que permitia vincular os membros da família através de rituais. Quando o único

ritual é a televisão, comer diante dela, falar sobre ela ou ficar em silêncio frente ao aparelho, isto permite articular pouco esta posição do pai entre proibição e autorização. A escola é, precisamente, a que articula, então, esta função: os professores aparecem como representantes dos ideais e isto agudiza a oposição entre criança e dispositivo escolar, transformando as patologias, que não se podem reduzir estritamente a algo biológico nem a algo cultural, na imbricação destes dentro do dispositivo da escola.

E: *O senhor mencionou Lewis e Tolkien como duas pessoas que, a partir da literatura, quiseram propor modelos identificatórios possíveis. Em uma época de queda dos ideais, como orientar as crianças nesse sentido?*

EL: A literatura é sempre uma excelente via para orientar-se. Depois da derrocada da Primeira Guerra Mundial, da derrocada dos ideais, os intelectuais estavam preocupados em como orientar-se e orientar a geração que vinha. Alguns escritores explicitamente pensaram em elaborar com sua obra uma maneira de proteger a criança da tentação do niilismo e orientá-la na cultura e nas dificuldades da civilização, apresentar figuras nas quais o desejo pudesse articular-se em um relato. Com *O Senhor dos Anéis*, Tolkien fez uma tentativa

de propor às crianças, aos jovens, uma versão da religião, um discurso sobre o bem e o mal, uma articulação sobre o gozo, os corpos, as transformações do corpo, todos esses mistérios do sexo, do mal, que atravessa uma criança; versões da paternidade. Tolkien conseguiu algo: há muitas crianças para as quais o único discurso que conheceram e que lhes interessa sobre isso é *O Senhor dos Anéis* nos três episódios. Da mesma maneira, um escritor católico, como C. S. Lewis, fez com as *Crônicas de Nárnia* uma versão da mitologia cristã sobre a abordagem dos temas do bem e do mal, da paternidade, da sexualidade. Graças ao cinema, Tolkien saiu de seus anos trinta, mas, para uma geração, é *Harry Potter* que articula a diferença entre o mundo dos humanos e o mundo ideal dos bruxos, povoado de ameaças, onde o bem e o mal se apresentam como versões do discurso.

E: *Que podem encontrar as crianças na literatura?*

EL: *Harry Potter* foi, para muitas crianças, inclusive as minhas, uma companhia: ir crescendo da infância à adolescência ao longo de cinco ou seis volumes da história. Além disso, apresentou figuras de identificação muito úteis. Uma criança podia prestar atenção no que lhe dizia *Harry Potter*, precisamente,

sobre como se articulam o bem e o mal, sobre como teria que se comportar na vida e como se manejar nas aparências e nos sentimentos contraditórios que alguém pode conhecer ao mesmo tempo. São ferramentas para salvar as gerações da tentação do niilismo, do pensar que não há nada que valha a pena como discurso. Quando nada vale como discurso, há violência. O único interesse, então, é atacar o outro. A crise dos ideais que se abriu com o fim da Primeira Guerra não se desvaneceu. A que deveríamos prestar atenção? Hoje, vemos um chamado a uma nova ordem moral, apoiada no retorno da religião como moral cotidiana. Quando na Europa há violência nos subúrbios, faz-se um chamado aos imãs muçulmanos para que dirijam um discurso de paz aos jovens da imigração. Também aos padres, para tratar de ordenar um pouco o caos engendrado por estes jovens desamparados que manifestam

Os analistas, frente a esta restauração da lei moral, sabem que toda moral comporta um revés, que é um empuxo superegóico à transgressão.

condutas estritamente autodestrutivas pela desesperança na qual estão submetidos. Na esfera política, através da famosa oposição entre as questões de *issues* (temas) e *values* (valores), vemos que agora o tema é moral. Há uma tendência a pensar que, para voltar a obter uma certa calma na civilização, se necessita multiplicar as proibições, que a tolerância zero é muito importante para restaurar uma ordem firme, que as pessoas tenham o temor da lei para lutar contra seus maus costumes. Os analistas, frente a esta restauração da lei moral, sabem que toda moral comporta um revés, que é um empuxo superegóico à transgressão. Precisamente, a idéia dos analistas em sua experiência clínica é que sabem que quando a lei se apresenta só como proibição, inclusive proibição feroz, provoca um empuxo feroz, seja à autodestruição, seja à destruição do outro que vem só proibir. É preciso autorizar os sujeitos a respeitarem a si mesmos, não só a pensar-se como os que têm que padecer a interdição, mas que possam se reconhecer na civilização. Isto implica em não abandoná-los, falar-lhes mais além da proibição, falar a estes jovens que têm estas dificuldades para que possam suportar uma lei que proíbe, mas que autoriza também outras coisas. É preciso falar-lhes de uma maneira tal que não sejam só sujeitos que têm que entrar nestes discursos de

maneira autoritária, porque, se se faz isso, se vai provocar uma reação forte com sintomas sociais que vão manifestar a presença da morte.

E: *Como criar as crianças nesta época?*

EL: É preciso criar as crianças de uma maneira tal que consigam apreciar a si mesmas, que tenham um lugar e que não seja um lugar de desperdício. Na economia global atual, o único trabalho que pode se inscrever é um de alta qualificação, ao qual nem sempre vão ter acesso. Não podemos pensar que vamos adiante só com a idéia de que se alguém trabalha bem e tem um diploma, vai encontrar um trabalho. Há crianças que não vão entrar e, apesar disto, têm que ter um lugar em nossa civilização. Não há que abandoná-las. E este é o desafio mais importante que temos, o dever que nós temos para com elas. Conceber um discurso que possa alojá-las dentro da economia global.

Declínio do amor na clínica com crianças*

MÔNICA HAGE

D eclínio do amor, como pergunta, é o tema proposto para a nossa jornada deste ano. O declínio do amor na clínica com crianças nos remete à pergunta: seria este um declínio do amor ao pai? Se pensarmos na nossa sociedade contemporânea, percebemos que, cada vez mais, se caminha em direção à crença de que podemos, sim, prescindir deste amor; em outras palavras, poderíamos prescindir do pai. No entanto, será através do amor ao pai, a despeito de todas as tentativas maternas de aniquilá-lo, que Lucas irá mobilizar toda uma estrutura familiar, denunciando o insuportável para duas gerações de mulheres que vivem sozinhas, sem homens, pois acreditam que podem prescindir deles.

Lucas tem 5 anos de idade e é levado a uma analista por sua avó materna, que, apesar do seu saber científico, “não sabe bem o que está acontecendo com o neto, se se trata ou não de um delírio”. O suposto delírio, nas palavras dela, assim se traduz: “Sem ter conhecido o pai, Lucas está criando um mundo de fantasia no qual inventa histórias sobre ele. Diz ao pedreiro da nossa casa que o pai é fortão e o ensinou a fazer cimento; diz que o pai irá me bater, caso eu lhe bata”.

É diante deste impasse, paradoxal, que Lucas chega ao encontro com uma analista. Ou seja, o que leva esta criança a um tratamento, referido inicialmente por sua avó como um “sintoma/delírio”, é o que nos permite dizer que não estamos no campo da psicose. As histórias que ele traz são a sua construção, a sua “invenção” para fazer valer a função paterna; o seu esforço para fazer consistir o pai, que sua estrutura neurótica exige.

O CASO CLÍNICO

Lucas vive com a mãe e a avó. Seus pais nunca viveram juntos, mantinham um relacionamento bastante conturbado e, quando a mãe de Lucas estava no 6º mês de gravidez, o pai se afastou definitivamente, e o filho nunca conviveu com ele. A mãe e a avó dizem a Lucas que o pai não quis conhecê-lo, e que só ensina merda. Em outro momento, quando o menino insiste com perguntas sobre o pai, a avó lhe diz que ele foi morto pela polícia. A mãe também se irrita bastante com as perguntas do filho sobre o pai.

A demanda de um tratamento para Lucas parte da avó. Estabelecer um contato com a mãe foi uma tarefa bastante difícil e delicada, pois ela se mostrava muito descrente do trabalho analítico. Há três anos, ele fez um tratamento com uma psicóloga, porque trocava letras. Esta relacionou os sintomas do menino

*. Trabalho construído no Carrossel (Núcleo de Investigação de Psicanálise e Criança do IPB/EBP-BA), tendo como relatora Mônica Hage e que foi apresentado na XII Jornada da Escola Brasileira de Psicanálise e VIII Jornada do Instituto de Psicanálise da Bahia, em 2006.

com a “ausência do pai”, exigindo da mãe um contato seu com o pai de Lucas, fato que a deixou, nas suas palavras, “com verdadeiro horror a estas profissionais”, e resultou na interrupção do tratamento. A aceitação de uma entrevista com a atual analista tinha uma condição: a não-exigência da presença do pai, o que foi aceito por esta como um manejo clínico que requeria um artifício delicado, o de fazer “semblante” frente a essa mãe de que aceitaria essas condições, a fim de possibilitar um laço transferencial dela com a analista, e por considerar, também, que o principal não era trazer o pai biológico para a sessão, mas sim escutar o esforço de Lucas para fazer consistir a função paterna.

O CONTATO COM A MÃE

Nos seis meses, tempo que durou este tratamento, foram dois os contatos com a mãe. A partir dessa estratégia na transferência, aos poucos, ela se sente à vontade para falar e diz à analista que a sua relação com o filho sempre se deu “entre tapas e beijos”; que sente raiva porque o filho não permite que ela faça nada, sente-se sufocada e estressada com as obrigações de ter que trabalhar e cuidar do filho, chegando a dizer que ele é a “desgraça da sua vida”. Diz que ele não a obedece e o problema

Se pensarmos em termos de função, veremos, através dos ditos da mãe, que ela localiza o filho muito mais na função de um parceiro erótico, devastador.

é que lhe faltam limites, pois ela tenta impor, mas a avó tira. Uma culpa a outra por esta falta de limites da criança, acusando-se mutuamente. Por fim, diz que ela e a mãe funcionam para Lucas “como se fosse um casal”: ela sendo a mãe e a avó, o pai. Quer da analista soluções para esses problemas, desde que não tenha que se implicar na responsabilidade dessas questões.

Entretanto, a analista faz, aqui, uma outra leitura deste suposto “casal”. Se pensarmos em termos de função, veremos, através dos ditos da mãe, que ela localiza o filho muito mais na função de um parceiro erótico, devastador. Esthela Solano¹ comenta que a maternidade precisa ser remetida ao lugar que a mãe ocupa no desejo do Outro, quer dizer, uma mãe acolhe um filho em função da posição

1. SOLANO-SUAREZ, Esthela. A criança em questão no final do século. In: AUTOR, autor (Org.). Incidências da psicanálise na cidade. Espírito Santo: Edufes, 2004. p. 14. (Série Anais).

subjetiva que ela conquistou com relação ao objeto fundamental – o falo. A mãe em questão, nesse caso, recusa-se a se colocar como falo para um parceiro. Desde o nascimento do filho, não se coloca como objeto causa de desejo para um homem.

Segundo Miller², uma mãe angustiada é uma mãe que deseja mal ou pouco enquanto mulher. Ele diz que o objeto criança preenche ou divide. E quanto mais a criança preenche, mais a mãe se angustia.

O interessante é que a avó, como veremos, também não tem um companheiro, e irá colocar Lucas no lugar de um amor idealizado.

O CONTATO COM A AVÓ

É do lado dela que está o amor. É também deste lado que parte a demanda de um tratamento para o neto. Ao falar dele, ela se emociona, dizendo que ele foi um marco na vida delas; que ele trouxe um novo sentido para a sua vida; que a faz sentir-se útil; que é ela quem se ocupa dele. Conta que ela vive sem um companheiro há 27 anos. Diz que o neto é um “guerreininho” e que tem atitudes muito adultas. Refere-se a ele como o “homem da casa”, o que denota que,

2. MILLER, Jacques-Alain. A criança entre a mulher e a mãe. Opção Lacaniana – Revista Brasileira Internacional de Psicanálise, São Paulo, n. 21, p. 7, abr. 1998.

para a avó, Lucas se situa no lugar do companheiro que ela não tem, instituindo-se como objeto de amor idealizado.

Desse modo, Lucas tem, para a mãe e para a avó, a função de tamponar a sexualidade feminina silenciosa que perpassa duas gerações.

São duas as preocupações que levaram a avó a procurar uma analista para o neto: a insistência de Lucas com as histórias que “inventa” sobre o pai e o seu apego excessivo a uma babá que não se encontra mais na casa. Relata que ele está inconformado com esse afastamento. Dizem a Lucas o mesmo que diziam com relação ao pai – que se a babá foi embora é porque não tinha nenhum apego a ele.

Com a mesma rapidez que trouxe o pai, irá parar de falar dele nas sessões e em casa. Este é um acontecimento que deixa a avó e a mãe de Lucas muito contentes, fazendo-as considerá-lo um grande efeito da análise.

O CONTATO COM LUCAS

Ao chegar à sessão, a sua avó me apresenta dizendo: “Esta é a Mônica, igual à da revistinha”. Quando ele está sozinho comigo na sala, diz: “Você não é a Mônica da revistinha”. E me pergunta: “O seu nome é Mônica, igual à moça da novela?”³ Ao lhe responder que sim, ele diz: “Ah! Então você vai ser minha babá!” Assim, o amor de transferência se estabelece rapidamente e pela concatenação significativa entre “Mônica” e “babá”. Por essa concatenação, o amor de transferência resgata para Lucas a possibilidade de incluir um terceiro para amar, mais além da mãe e da avó, que poderá ser a babá, o pai, a analista, etc.

Muito rapidamente também ele irá começar a falar do pai nas sessões, contando para a analista várias histórias que cria sobre ele. Com a mesma rapidez que trouxe o pai, irá parar de falar dele nas sessões e em casa. Este é um acontecimento que deixa a avó e a mãe de Lucas muito contentes, fazendo-as considerá-lo um grande efeito da análise. O que, contudo, elas não podem perceber ainda é que, na medida em que o amor de transferência se estabeleceu, pôde-se criar um lastro subjetivo

3. Faz aqui uma alusão a uma personagem de uma novela da atualidade, chamada Mônica, e que fazia o papel de babá de um garoto com uma idade próxima à sua.

para Lucas, fazendo valer a função paterna em sua estrutura. E isso está, de alguma forma, na fala da avó quando ela diz que o neto não é mais o mesmo de antes, que o tratamento foi uma “divisão” na vida dele.

O interessante, neste caso, é que a mãe e a avó de Lucas brigavam e discordavam quanto a praticamente tudo que se referia a ele, menos quanto à tentativa de afastar a possibilidade de entrada desse terceiro elemento na vida de Lucas; esse era o único ponto de concordância entre elas. A herança dessa família, passada de uma geração a outra, era a de poder criar filhos sem a referência paterna. Elas tentam destituir o seu amor pelo pai e pela babá. “Pai” e “babá”, aqui, estão conectados como elementos significantes relativos a uma função terceira, que faz barradura à relação exclusiva que cada uma delas tem com ele.

O enganchamento da transferência, neste caso, está centrado no laço que enoda o amor de transferência e o amor ao pai. Desse modo, através do amor de transferência, pôde-se dar maior consistência ao pai, se entendermos aqui este pai como uma função terceira, mediadora do gozo materno. Isso, contudo, já colocava em questão a possibilidade da avó e da mãe não sustentarem a análise desta criança, já se preservando a interrupção do tratamento, uma vez que essa reafirmação da consistência do pai era

exatamente o oposto do que elas demandavam. Tudo indicava uma questão de tempo.

Veremos, em seguida, os efeitos da análise e as suas conseqüências que levaram à interrupção do tratamento.

Um dado importante deste caso diz respeito a uma queixa inicial da mãe, quanto à falta de um espaço para ela, já que dormia junto com o filho numa cama de casal, e, às vezes, ela queria dormir e ele queria brincar, espalhando seus brinquedos pela cama. Nas entrevistas, foi trabalhada com ela a possibilidade desta separação de quarto, e o que ela havia conseguido fazer foi comprar uma cama de solteiro para Lucas.

Próximo à ocasião da interrupção do tratamento, ao chegar em casa, a mãe de Lucas se irritara bastante ao ver os brinquedos dele espalhados pelas duas camas – a sua e a dele. Tomada pela raiva, ela resolve sair do quarto, indo dormir em outro lugar. No dia seguinte, percebe que Lucas havia tirado do armário uma caixa que continha todas as fotos dele, desde o seu nascimento, e as espalhado por todo o quarto. Ela fica com muita raiva e coloca uma série de castigos para o filho. Diz para a sua mãe – a avó – que, como já considerava, ultimamente, que a análise pouco estava adiantando, pois o filho estava cada vez mais desobediente, agora sim tinha chegado ao fim.

Com esta atitude do menino, insuportável para ela, não mais admitiria qualquer tratamento analítico.

Nas fotos espalhadas pelo chão, Lucas “espalha” a sua vida, denunciando algo da ordem do insuportável para esta mãe – que ele, até então, não havia sido falado por ela como um sujeito que pode construir a sua própria história, recurso que só o pai lhe permitiria. Nesta nova posição subjetiva assumida, Lucas, ao espalhar suas fotos pelo chão, vai em busca de recursos para, através de uma elaboração simbólica, tentar agora construir a sua história.

Este acontecimento ocorre num momento delicado da análise em que a analista, sem ter conhecimento desses fatos, por uma estratégia inadvertida na transferência, havia convidado a mãe a comparecer para uma entrevista. Após essa convocação, à qual a mãe não compareceu, a avó vem comunicar a decisão da filha de interromper a análise da criança. A analista constrói a hipótese de que, diante da sua convocação e da nova posição do filho, agora não mais respondendo no lugar de objeto da mãe, ela, possivelmente, sentiu-se fortemente ameaçada e chamada a ocupar um lugar que ainda não estava em condições de ocupar. A atuação do filho e o ato da analista fizeram eclodir o insuportável para ela. Diante deste insuportável, a única saída foi recuar, da mesma

forma que ela havia feito quando solicitada a procurar o pai de Lucas pela primeira analista. Colocar o pai no circuito, quer fosse o pai da realidade, quer fosse o pai enquanto função, consistia algo intolerável para essa mãe.

Agora, a analista apostou no tempo, apostou no novo efeito na posição do sujeito. O que fica como ponto marcante, deste caso, é o efeito produzido neste sujeito, a partir do laço que enoda o amor de transferência e o amor ao pai. Em uma frase, Lucas pôde resumi-lo, quando disse: “Mônica, por que não me disseram que existiam lugares tão especiais como este aqui?” Lucas, criança de apenas 5 anos de idade, por uma contingência, pôde encontrar, como disse, este “lugar tão especial”. O que, talvez, tenha percebido como “tão especial”, foi o que esta curta análise pôde lhe proporcionar: um lugar, onde ele foi tomado por um outro, a analista, como um sujeito. Nesse lugar, ele construiu a sua história como um sujeito singular. E, como sujeito, pôde vislumbrar a possibilidade de amar, e ser amado, por um terceiro, mais além das “garras” do gozo materno.